

A MULHER DE VILLON¹

Tradução: Ariel Lara de Oliveira²
Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

I

Acordei com o barulho de alguém que abria correndo a porta da entrada de casa. Não falei nada, no entanto, e resolvi nem levantar. Só podia ser meu marido, voltando para casa podre de bêbado no meio da noite.

Ele acendeu a lâmpada do quarto ao lado e, com uma respiração forte e ofegante, começou a abrir as gavetas da escrivaninha e dos armários. Pelo arranhar das gavetas sendo abertas e fechadas, ele parecia estar procurando alguma coisa. Logo, ouvi um barulho como se ele tivesse caído sentado no tatame. Então, só o que eu conseguia ouvir era o seu grosseiro arfar. Sem saber o que estaria fazendo, falei, meio dormindo:

— Bem vindo de volta. Já jantou? Tem bolinhos de arroz no armário.

— Não, obrigado. — respondeu ele, com uma gentileza incomum. — E o menino? Ainda está com febre?— completou.

Isso também foi estranho. A criança iria completar três anos, mas, seja por desnutrição, pelo alcoolismo de meu marido ou por causa de uma virose, ele parecia menor que as crianças de dois anos da vizinhança. Além disso, só conseguia andar com passos ainda incertos e não sabia dizer nada além de balbucios, por mais que se esforçasse. Eu frequentemente pensava se não seria um problema na cabeça. Uma vez, ao levá-lo para a casa de banho e segurá-lo sem roupa em meus braços, pequeno, magro e feinho, fiquei tão triste que me desatei a chorar na frente de todos. Não fosse só isso, o menino ainda costumava ter problemas de estômago e febres, mas meu marido quase nunca estava em casa para me ajudar a cuidar dele. Nem sei direito o que pensava do próprio filho. Quando eu falava que o menino estava com febre, dizia "Sim, bom, não seria melhor levá-lo a um médico?" e, enrolando-se em seu casaco, saía apressado para algum lugar. Eu adoraria levar o menino a um médico, mas como nunca tinha

¹ "A Mulher de Villon" [ヴィヨンの妻, *Viyon no tsuma*]. Publicado originalmente em março de 1947, na revista *Tenbô*.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

o dinheiro para isso, não havia o que fazer a não ser deitar com ele em meus braços, acariciando sua cabeça até que dormisse.

No entanto, naquela noite, não sei bem porque, ele tinha sido estranhamente gentil e me perguntado da febre do menino. Em vez de me sentir feliz, tive um pressentimento ruim, um gelo me correndo pela espinha. Sem resposta e não tendo mais o que fazer, fiquei calada. Em pouco tempo, ouvia-se novamente apenas a respiração forte de meu marido.

— Com licença. — da porta de casa, veio a voz fina de uma mulher. Tremi como se houvessem jogado água gelada por todo meu corpo.

— Com licença, senhor Ootani. — disse a voz novamente, parecendo incomodada.

Ouvi a porta da entrada se abrindo.

— Senhor Ootani, poderia entrar?— chamou, desta vez claramente incomodada.

Meu marido finalmente pareceu ir até a entrada.

— O que que foi?—perguntou ele, hesitante, como se não quisesse que outras pessoas ouvissem.

— Não me venha com “O que que foi?”! — sussurrou a mulher. — Você tem uma casa bonita como essa e ainda assim precisa roubar dos outros por aí? Pare com essa brincadeira de mau gosto e me devolva o dinheiro. Se não, irei agora mesmo chamar a polícia.

— O que está dizendo? Não me desrespeite! O que vocês querem aqui? Vão embora! Se não forem, vou ser eu quem vai chamar a polícia.

— Mas o senhor é muito cara de pau. — surgiu então a voz de um homem. — Até parece que você não sabe o que estamos fazendo aqui! Nem deveria me surpreender, mas já passou dos limites. Roubar dinheiro dos outros, isso é demais, senhor Ootani. Com tudo o que o senhor nos fez passar até agora, eu e minha esposa! Não dá mais pra aguentar. Não pensava que o senhor chegaria a nos roubar. Não esperava isso nem do senhor.

— Isso é extorsão! — disse meu marido, em um tom irritado, ainda que sua voz tremesse. — É chantagem! Saiam daqui! Se têm alguma reclamação, falo com vocês amanhã.

— Mas que absurdo! O senhor é mesmo um ladrão! Vou ter é que chamar a polícia!

As palavras do homem vinham cobertas de um ódio tão forte que, novamente, tive calafrios por todo o corpo.

— Vá pro inferno!— gritou meu marido, mas sua voz já soava fraca e vazia.

Levantei-me e, vestindo um *haori*⁴ por cima do pijama, fui até a entrada receber as duas visitas.

— Sejam bem vindos. — disse.

— Essa é a esposa?— disse o homem, mal inclinando a cabeça em minha direção, sequer esboçando um sorriso.

⁴ *Haori*. Tipo de casaco tradicional japonês, usado aberto e por cima das vestes.

Ele aparentava mais de cinquenta anos, com uma cara redonda e um sobretudo que passava dos joelhos. Sua mulher, magra e pequena, devia ter uns quarenta anos e estava bem vestida.

— Desculpe pelo horário. — disse ela, igualmente sem sorrir.

Enquanto ela soltava um pouco seu xale e fazia uma reverência com a cabeça, meu marido rapidamente calçou as sandálias e tentou correr para fora de casa.

— Pegue ele!

O homem conseguiu agarrá-lo pelo braço e os dois se digladiaram por algum tempo.

— Me solta! — gritou meu marido, ameaçando-o com uma faca que brilhava em sua mão esquerda.

Era uma lâmina de família, um tesouro para ele, que a deixava sempre guardada na gaveta de sua escrivaninha. Era isso que ele estava buscando em suas gavetas, ao chegar em casa. Certamente tinha previsto que algo poderia acontecer e voltado para casa com o intuito de buscar a arma. Procurara correndo entre suas gavetas e a escondera no bolso.

O homem se esquivou e, nesse meio tempo, meu marido, dobrando as pontas de sua capa como as asas de um corvo, fugiu correndo para a rua.

— Ladrão!— gritou o homem, e saiu correndo atrás dele.

— Pare, por favor! — pedi, saindo descalça para segurar o homem. — Não faz sentido arriscar que alguém se machuque! Deixe-me resolver esse problema, por favor!

— Sim, querido, se acalme!— disse a mulher. — É um louco com uma faca! Não dá pra saber o que ele vai fazer!

— Que merda! Agora é com a polícia! Não posso aceitar isso!— murmurou o homem para si mesmo, olhando, impotente, a escuridão do lado de fora. Parecia que toda a força de seu corpo tinha se esgotado.

— Desculpem. — eu disse. — Entrem, por favor, e contem-me o que aconteceu — convidei, agachando-me e limpando os pés para entrar de volta em casa. — Talvez eu consiga ajudar, mas primeiro entrem, por favor, entrem. Desculpem pela sujeira desse lugar.

Os dois se olharam e, com um sutil menear de cabeça, concordaram.

— Não interessa o que diga, minha decisão já está tomada. — disse o homem, mas sua expressão já era outra. — Ainda assim, senhora Ootani, posso lhe contar brevemente os detalhes do que aconteceu até agora.

— Sim, por favor. Entre e conte, sem pressa.

— Bom, pressa, eu tenho. —ele respondeu, tirando o sobretudo.

— Não, não tire o casaco, por favor. Aqui é frio, fique com ele, por favor. Mesmo, não temos aquecimento nessa casa, fique assim!

— Pode ser, então, desculpe-me a descortesia.

Primeiro o homem, e então sua mulher, entraram no escritório de meu marido. Um cômodo de seis tatames. Seis tatames carcomidos, com o *shôji*⁵ todo rasgado, a tinta das paredes descascando e o *fusuma*⁶ com o papel descolando e deixando à vista sua estrutura interna. Em um canto, a escrivaninha e caixas de livro vazias. Ao se depararem com um cenário tão decadente, os dois pareceram prender a respiração.

— O tatame está sujo, por favor, sentem nisso aqui. — disse, alcançando umas almofadas rasgadas, com partes do algodão saindo pelos furos. Cumprimentei-os novamente. — Muito prazer em conhecê-los. Meu marido só lhes causou incômodo até agora, e nem sei bem o que foi que fez hoje, comportando-se daquela forma horrível, sem ter sequer pedido desculpas. Ele é uma pessoa muito excêntrica. — dizendo isso, eu não pude conter as lágrimas.

— Sra. Ootani, pode ser indelicado, mas quantos anos a senhora tem? — perguntou o homem, sentando timidamente na almofada. Com as pernas cruzadas, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e o queixo sobre o punho, inclinando-se na minha direção.

— Quem, eu?

— Sim. Seu marido certamente tem uns trinta?

— Sim. Sou quatro anos mais nova.

— Então... vinte e... seis... Só isso? Faz sentido, se seu marido tem uns trinta, seria de se esperar. Ainda assim, me surpreende.

— A mim também, logo que a vi, fiquei surpresa — disse a mulher, aparecendo por trás do marido. — Cheguei a me perguntar por que o senhor Ootani se comporta daquele jeito, tendo uma mulher tão bonita em casa.

— É um doente, isso sim! — disse o homem, com um grande suspiro — Só pode ser doença! Já era ruim e foi piorando com o tempo.

— Na verdade, senhora — continuou, formal, depois de um silêncio — eu e minha esposa, nós temos um pequeno restaurante perto da estação de Nakano. Viemos do interior, de Jôshû⁷, onde eu era um lojista respeitável. Mas eu tinha maus hábitos, acabei cansando de lidar com agricultores mesquinhos e vim, da forma que consegui, com minha mulher para Tóquio, há vinte anos. Trabalhamos de aprendizes em um restaurante mediano em Asakusa e, com

⁵ *Shôji*. Tipo de porta de correr tradicional da arquitetura japonesa. É a porta externa das casas, feita de papel japonês translúcido e uma estrutura externa de madeira em grade. Essa estrutura de quadrados forma unidades de papel cercado pela madeira, que, quando rasgam, podem ser trocados individualmente, sem danificar a porta inteira.

⁶ *Fusuma*. Outro tipo de porta de correr tradicional da arquitetura japonesa. É a porta interna dos quartos ou armários embutidos da casa, feito de um papel grosso e opaco cobrindo uma estrutura de madeira interna que ajuda a sustentá-lo. Como o papel cobre a superfície toda, quando rasga, tem de ser trocado inteiro, ou deixa à mostra essa estrutura.

⁷ Atual Ueno.

muita dificuldade, conseguimos, no ano onze da Era Shôwa⁸, abrir nosso próprio restaurante. É esse restaurante pequeno, de pouco mais de seis tatames⁹, numa casa suja e emprestada que temos na estação de Nakano. Com clientes que podem gastar, quando muito, um ou dois ienes por noite, é apenas por persistência e abrindo mão do luxo que eu e minha esposa, trabalhando como escravos, conseguimos manter esse negócio nada promissor funcionando. Acabamos armazenando um bom estoque de *shôchû*¹⁰ e gim, entre outras bebidas, de forma que, quando houve falta de álcool, e outros estabelecimentos acabaram falindo, nós conseguimos nos manter bem, com a ajuda da clientela, que, com o tempo, foi melhorando — incluindo aí pessoas do exército.

“Quando a guerra começou, e os bombardeios passaram a ficar mais perigosos, ainda assim continuamos em Tóquio. Não tendo filhos nem outros motivos para nos deslocarmos para o interior, decidimos continuar o negócio até que nos caísse uma bomba na cabeça. Se mantivéssemos nosso negócio até o fim da guerra, ainda que sofrendo, teríamos enfim um alívio. Por isso, acabamos produzindo álcool ilícito, por pouco tempo, apenas o suficiente para reabastecer nosso estoque. E, ainda que por pouco tempo, não tivemos muita dificuldade — até um pouco de sorte. Mas essa vida sempre prepara algo de ruim para nós. É como dizem, para cada *sun*¹¹ de felicidade, há um *shaku*¹² de maldade. É realmente uma verdade. Se, em um ano, você tiver um dia, ou mesmo meio dia, sem nenhum problema, pode se considerar uma pessoa de sorte.

“A primeira vez que seu marido, Senhor Ootani, chegou a nosso estabelecimento, foi no ano 19 da era Shôwa¹³, lá pela primavera. Ainda não estávamos perdendo a guerra, ou, se estávamos, não se sabia da verdadeira situação. Pensava-se que, com mais dois ou três anos de esforços, talvez a paz ainda pudesse ser alcançada em igualdade de termos. Ele estava vestido de forma casual, com sua capa pendurada nos ombros. Ainda havia em Tóquio alguns membros da força aérea, e eles, com suas roupas militares, vinham beber nosso saquê; mas a maioria de nossos clientes vestia roupas mais comuns, de modo que não sentimos que seu marido fosse nada de especial. E ele não estava sozinho, desculpe falar isso assim para a senhora, mas conto porque disse que não ia esconder nada. Seu marido entrou pela porta dos fundos, de forma meio furtiva, com uma mulher mais velha que ele. Naquela época, estávamos

⁸ 1936.

⁹ Tatame. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 1,6m² de área. Tatame, em português, se refere ao tipo de revestimento do chão de casas tradicionais japonesas, mas, em japonês, esse piso vem em blocos de tamanho padrão e o termo é também usado, por extensão, para se referir à área ocupada por um desses blocos.

¹⁰ *Shôchû*. Destilado japonês, em geral produzido a partir de cevada, batata-doce ou arroz.

¹¹ *Sun*. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 3cm de comprimento, ou um décimo de um *shaku*.

¹² *Shaku*. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 30cm de comprimento.

¹³ 1944.

mantendo a porta da frente sempre fechada, como se a loja não estivesse aberta, mas era apenas de fachada, pois funcionávamos normalmente. Assim, nossos clientes mais íntimos, ainda que poucos, entravam em segredo pela porta dos fundos e, ao invés de sentar nas cadeiras de dentro, ficavam no quarto de trás, de seis tatames, com a luz apagada e falando baixo, bebiam discretamente até ficarem embriagados. E essa mulher que estava com o senhor Ootani era, até um tempo antes, atendente em um bar de Shinjuku. Ela seguido trazia bons clientes para beber em nosso restaurante, de modo que se tornou amiga da casa. A cobra sabe o caminho das cobras, como dizem, não é? Quem está na mesma situação se entende. Ela morava ali perto e, quando o bar em que trabalhava fechou, ela passou a trazer vários de seus conhecidos para nosso estabelecimento, e nosso estoque de álcool acabou diminuindo. Por mais que fossem bons clientes, bebiam muito, eram mal agradecidos e criavam muitos problemas. No entanto, gastavam bastante dinheiro, diferentemente dos nossos clientes antigos. Em consideração aos diversos bons clientes que ela nos apresentava, não fazíamos cara feia e sempre a servíamos. Assim, quando seu marido entrou com essa mulher, Akichan, discretamente, pela porta dos fundos, nem suspeitei de nada e, como sempre, levei-os para o quarto de trás e servi *shôchû*. Naquela noite, o senhor Ootani bebeu calmamente, Akichan pagou a conta e os dois saíram juntos pela porta dos fundos. É curioso que eu ainda não tenha esquecido seu comportamento estranhamente calmo e refinado daquela noite. É que os monstros, quando aparecem pela primeira vez na casa das pessoas, assumem uma aparência calma e inocente, não é?

“A partir daquela noite, passamos a vê-lo frequentemente. Dez dias depois, ele surgiu pela porta dos fundos e tirou uma nota de cem ienes. Naquela época, era muito dinheiro, como dois mil ou três mil ienes hoje em dia. Essa nota ele enfiou na minha mão, pedindo-me, com um sorriso fraco, para guardá-la. Ele já tinha bebido bastante, e, a senhora deve saber, ele não é muito forte para álcool. Achei que já estava bêbado, e, de repente, como era de se esperar, bebeu tanto que tropeçava de tão tonto que estava, nunca vi nada igual. Bebeu o suficiente para trinta pessoas. Mesmo que ele fosse forte para álcool, seria incrível. Naquela noite, de alguma forma, mesmo naquela condição, acabou bebendo mais de dez garrafas de nosso *shôchû*. Estava reticente, e, por mais que minha mulher e eu tentássemos falar com ele, apenas sorria sem dizer nada, concordando com a cabeça de forma vaga. Até que, de repente, nos perguntou as horas e levantou-se para sair. ‘E o troco?’, perguntei, e ele respondeu ‘Não precisa, está acertado’. Eu disse, de maneira firme, que era muito dinheiro, que ele me deixaria sem jeito. ‘Guarde até a próxima vez, por favor, pretendo voltar’, disse, finalmente sorrindo e indo embora.

“Senhora, esta foi a única vez, de todas, que recebemos algum dinheiro dele. Desde então, ele só vem, há três anos, nos enganando e empurrando com a barriga sem pagar sequer um tostão. Bebeu todo o nosso estoque de álcool quase sozinho, secou tudo, é inacreditável!

Então, sem nem perceber, comecei a gargalhar. Não sei exatamente qual era a graça, mas não consegui me segurar. Confusa, cobri a boca, mas, ao olhar para a senhora com o canto do olho, percebi que, estranhamente, ela também ria. E então seu marido também, sem outra opção, esboçou um riso triste.

— Bom, certamente não é algo para se rir, mas entendo; eu já estou tão cansado dessa história, que só me resta rir. Talvez se ele dedicasse seu talento para outras atividades, poderia se tornar um ministro ou mesmo um acadêmico. Não só a nós, mas também a outras pessoas ele enganou, deixando-as sem tostão — até hoje, por sinal. Akichan, por exemplo, que só saía com o senhor Ootani, acabou ficando sem outros clientes, estando hoje sem dinheiro nem roupa, morando num barraco sujo de um cortiço, sobrevivendo quase como pedinte. E mesmo ela, quando saíam juntos, fazia questão de se gabar dele para quem quisesse ouvir. Dizia que ele tinha nascido em boa família, vinda de um antigo daimio. Dizia que ele era segundo filho do Barão Ootani, mas que tinha sido deserdado por sua má conduta. No entanto, se o barão pai morresse, ele dividiria a fortuna com o irmão mais velho. Dizia que era muito inteligente, um gênio mesmo, tendo, aos 21 anos, publicado seu primeiro livro, melhor que o do grande escritor Ishikawa Takuboku¹⁴. Dizia que escrevera mais uns dez livros e que era o maior poeta do Japão. Era, claro, um grande estudioso, tendo se formado no Primeiro Colegial e seguido para a Universidade Imperial. Além disso, era fluente em alemão e francês. Do jeito que Akichan falava, parecia que era um deus.

“E o pior é que não era tudo mentira. Outras pessoas também diziam que o segundo filho do barão era um poeta famoso e mesmo minha mulher, que já tem idade para ter mais bom-senso, vivia elogiando a boa educação do senhor Ootani e ficava ansiosa pelas suas visitas. É insuportável. Dizem que nossa aristocracia está decadente, mas devo dizer que, até o fim da guerra, ninguém se dava melhor com as mulheres que esse filho deserdado do barão. Estranhamente, todas caíam de amores por ele. Acho que é a tal natureza servil de que tanto se fala hoje em dia.

“De qualquer forma, para mim, como homem, e um homem com algum bom-senso, quando vejo um nobre metido a besta (desculpe dizer na frente da senhora), ainda mais um segundo filho de uma família de ex-senhores feudais, não acho que haja tanta diferença entre nossas classes sociais. Talvez por isso eu não conseguisse lidar bem com o senhor Ootani. Por mais que me resolvesse firmemente a não lhe dar mais uma gota de álcool sem que nos pagasse

¹⁴ Ishikawa Takuboku (石川啄木, 1886–1912). Poeta japonês, autor de *Ichiku no Suna* (一握の砂, “Um pouco de Areia”, de 1910) e *Kanashiki Gangu* (悲しき玩具, “Tristes Brinquedos”, de 1912).

alguma parte do que nos devia, quando ele chegava, de repente, como se estivesse sendo perseguido, e ficava aliviado de chegar ao nosso bar, minha determinação enfraquecia. Mesmo quando se embebedava, não chamava a atenção nem atrapalhava ninguém. Se apenas pagasse suas contas, seria um ótimo cliente. Não era ele quem se gabava ou expunha sua condição social, tampouco alardeava ser um gênio, nem nada assim. Muito pelo contrário, inclusive se Akichan ou outra pessoa sentava ao seu lado e começava a propagandear suas qualidades, o senhor Ootani apenas falava, cortante, ‘Não tenho nem dinheiro para pagar a conta daqui’ e partia logo pra outro assunto.

“Ele nunca nos pagou nada de tudo o que bebeu em nosso estabelecimento. Outras pessoas eventualmente pagavam por ele. Akichan pagou algumas vezes, e, além dela, vieram outras mulheres que, embora não fossem nossas conhecidas, pareciam estar na mesma situação que ela. Além disso, quando o senhor Ootani vinha com outras mulheres, provavelmente esposas alheias, elas costumavam deixar algum dinheiro extra, para compensar parte da dívida. E nós, como comerciantes, sempre acabávamos servindo álcool para ele, mesmo em dias em que não recebíamos nada, pois, sabíamos que ele era de uma família rica.

“No entanto, esses pagamentos eventuais não são nem perto do suficiente para sanar nossas perdas com tudo o que ele bebeu. Ficamos sabendo que o senhor Ootani morava perto da estação de Koganei, onde tinha uma mulher e tudo; logo, pensamos em vir até aqui para resolver a questão da dívida. Só que, ao perguntarmos onde morava, só nos respondia com grosserias, como ‘Não moro em lugar nenhum’, ou ‘Não te interessa’, ‘Não queira brigar comigo’. E nas duas, três vezes que pensamos em procurar por nós mesmos a casa do senhor Ootani, acabamos desistindo.

“Lá pela época em que os bombardeios ficaram mais frequentes, ele pegou a mania de entrar no restaurante, usando um chapéu do exército, ir até o armário e pegar nossa garrafa de conhaque. Ficava ali, casualmente, em pé, bebendo até o fim, como se não estivesse nos devendo nada, e, sem dizer palavra, ia embora.

“Com o fim da guerra, voltamos a encher nosso estoque com álcool ilícito, botamos uma nova cortina na entrada do restaurante, tentando dar um ar revigorado, inclusive contratamos uma moça para atrair clientes. No entanto, esse demônio desse homem voltou a aparecer. Mas desta vez, não estava acompanhado de mulher, e sim de dois ou três jornalistas. Não tínhamos mais militares como fregueses, apenas alguns poetas pobres que, segundo esses jornalistas, eram elogiados internacionalmente. O senhor Ootani falava sobre filosofia, língua inglesa e muitos nomes estrangeiros. Um dia, levantou e foi para fora do restaurante. Não voltava, mas também não ia pra casa. Assim, esses jornalistas acabaram se irritando, dizendo que, se ele fosse embora, eles também iriam. Quando começaram a se arrumar para sair com ele, eu pedi para se acalmarem, para ficarem mais um pouco. Ele aproveitou esse momento para fugir,

deixando a conta para eles pagarem. Alguns deles dividiram a conta entre si, mas outros reclamaram e se recusaram a pagar pela bebida do senhor Ootani. Ainda assim, pagaram pelo que beberam com o dinheiro que tinham. Dizem que jornalistas são pessoas da pior espécie, mas, comparando-os com ele, parecem-me pessoas mais honestas e nobres.

“Depois da guerra, o senhor Ootani passou a beber mais e parecia mais acabado. Começou a contar piadas de baixo calão e em voz alta pelo restaurante, além de frequentemente entrar em brigas com esses jornalistas que trazia para o restaurante. Além disso, seduziu a moça que estava trabalhando conosco, que tinha apenas vinte anos. Foi uma surpresa para nós; quando vimos, já era tarde demais e acabou se tornando um problema. A menina ia dormir chorando por ele toda noite. Engravidou e acabamos devolvendo-a para a casa de seus pais. Foi quando eu disse, de forma firme: ‘Senhor Ootani, não vou falar mais nada, mas apenas lhe peço que não volte mais para meu estabelecimento!’. No entanto, ele respondeu: ‘Não vou receber ordens de um qualquer que vende álcool ilegal. É, eu sei de tudo!’. E mesmo depois dessa ameaça vil, mostrou as caras na noite seguinte, como se nada tivesse acontecido.

“Sim, como disse, nós vínhamos desde a metade da guerra completando nossos estoques com álcool ilícito, e não posso deixar de pensar que nossa punição foi o surgimento desse monstro em nossas vidas. E mesmo com todas as coisas ruins que já nos fez, a de hoje foi de longe a pior delas— nem poeta nem professor, o senhor Ootani é um ladrão. Levou cinco mil ienes da nossa loja, simplesmente pegou e saiu correndo, dinheiro esse que vínhamos juntando a duras penas. Normalmente deixamos apenas quinhentos ienes, no máximo mil, na loja. Mas, como é fim de ano, vínhamos cobrando dívidas de vários clientes, de modo que finalmente acabamos ficando com essa quantia toda no caixa. Esse é o dinheiro que precisamos para manter o negócio funcionando depois das festas do Ano-Novo. Minha mulher contou esse dinheiro, conferiu e guardou na gaveta do armário no quatinho dos fundos. Ele, na cadeira da porta, bebendo sozinho, viu isso, se levantou decidido, foi até o quarto dos fundos, empurrou minha mulher e, abrindo a gaveta, pegou os cinco mil ienes. Enfiou o rolinho de dinheiro no bolso das dobras de sua capa e, enquanto ainda estávamos paralisados de choque, saiu correndo da loja. Chamei-o em voz alta e saímos, eu e minha mulher, atrás dele, gritando, ‘Ladrão, ladrão!’, achando que as pessoas da rua pudessem nos ajudar. Acabei decidindo segui-lo até que ele se acalmasse e então pedir o dinheiro de volta. Assim foi que o seguimos até aqui. Somos apenas pequenos comerciantes, eu e minha mulher juntamos nossas forças e não tivemos opção a não ser reprimir nossos sentimentos e pedir nosso dinheiro de volta calmamente. E então, o que acontece? Ele tira uma faca e tenta me atacar! Que absurdo!

Novamente, de algum lugar na história toda, alguma graça pareceu ter se apossado de mim, e eu ri em voz alta, não conseguindo me segurar. Gargalhava, enquanto a senhora deu

um leve sorriso, ficando com o rosto vermelho. Eu, sem conseguir parar de rir, comecei a pensar mal de meu marido e me veio um sentimento estranho e engraçado ao mesmo tempo, e comecei a chorar, enquanto seguia rindo. Lembrei de um de seus poemas, “Gargalhada dos frutos da civilização”, e pensei se não era a esse sentimento que ele estaria se referindo.

II

Ainda assim, esse não era um problema que iria sumir com uma gargalhada. Fiquei encarando os dois, pensando, até que disse: “De alguma forma, eu arranjaré uma maneira de resolver essa questão, se vocês esperarem mais um dia antes de recorrerem à polícia. Amanhã certamente entrarei em contato com vocês”.

Pedi que aceitassem a minha proposta e perguntei detalhadamente onde ficava o tal restaurante da estação de Nakano. Eles concordaram em me dar um tempo para resolver tudo e foram embora. Então fiquei sozinha, no meio do quarto frio, tentando pensar em um plano, mas nada me vinha à cabeça. Depois de um tempo sem ideias, levantei-me, tirando o *haori*, e fui para baixo do *futon*¹⁵ onde meu filho estava dormindo. Enquanto acariciava sua cabeça, pensei que seria bom se pudesse ficar ali para sempre e se o sol nunca mais nascesse.

Quando eu era pequena, meu pai tinha uma banquinha de *oden*¹⁶ perto do lago no parque de Asakusa. Minha mãe tinha morrido cedo, e meu pai e eu morávamos sozinhos em um quarto alugado. Também sozinhos cuidávamos do negócio. Ootani às vezes passava pela nossa banca, e, com o tempo, passei a me encontrar sozinha com ele, sem que meu pai soubesse. Quando fiquei grávida, depois de algumas complicações, fui viver com ele como sua mulher — embora nada fosse oficial. Agora, o menino está crescendo sem pai, enquanto ele sai de casa por três, quatro noites, às vezes um mês inteiro, sem dizer nem onde esteve nem o que estava fazendo. Quando volta, sempre podre de bêbado, fica lá, pálido e ofegante, me encarando sem dizer nada. Algumas vezes, chora litros de lágrimas; outras, vem para minha cama sem aviso, me agarra com força. “Não dá mais! Tenho medo! Muito medo! Me ajude, por favor”, diz. Outras vezes, ainda, começa a tremer e tremer e fala durante o sono, delirando e gemendo. Na manhã seguinte, fica desligado, como se lhe tivessem arrancado a alma. Então desaparece por mais três ou quatro noites. Alguns conhecidos de longa data de meu marido, dois ou três editores preocupados comigo e com o menino, de vez em quando nos dão dinheiro. Só por causa disso não morremos de fome até hoje.

¹⁵ *Futon*. Colchão dobrável tradicional, que pode ser guardado durante o dia e esticado no chão para se dormir.

¹⁶ *Oden*. Sopa tradicional do inverno japonês. Composta de diversos legumes cozidos com tofu e ovos em um caldo de peixe e soja.

Fiquei pensando nisso, meio dormindo, meio acordada, até que, quando abri os olhos, já podia ver o brilho do nascer do sol pelas frestas da porta de correr. Levantei, me vesti e, amarrando o menino nas costas, saí de casa. Não conseguia mais ficar um minuto no silêncio daquele lugar.

Saí sem pensar direito aonde ir, mas ia caminhando na direção da estação. Ali, comprei uns doces para dar ao menino. Então, num impulso, acabei comprando um bilhete para Kichijôji e subi no vagão. Lá dentro, notei um anúncio com o nome de meu marido. Era a propaganda de uma revista em que ele publicara um longo artigo, chamado “François Villon”. Ao ver o título junto do nome de meu marido, sem saber bem o porquê, vieram-me aos olhos lágrimas dolorosas, e, com a visão embaçada, desviei o olhar do cartaz.

Desci em Kichijôji e, pela primeira vez em nem sei quantos anos, passei pelo parque Inokashira. Os cedros em volta do lago tinham sido todos cortados, de forma que o parque todo parecia como que uma construção. Era um cenário frio e vazio, muito diferente do que eu lembrava do passado.

Tirei o menino das costas e sentamos os dois em um dos bancos quebrados às margens do lago. Dei uma das batatas-doces que tinha trazido de casa para o menino comer. “Que lago bonito, né, filhinho? Antigamente, tinha muitas carpinhas e peixinhos dourados. Hoje não tem mais nenhum... Que sem graça, né?”. Não sei o que ele pensou, mas deu um sorriso estranho, com a boca cheia de batata-doce. Mesmo sendo meu filho, não podia deixar de pensar que ele parecia mais um retardado.

Como eu não iria resolver nada sentada nos bancos do lago, um tempo depois, levantei, amarrei o menino nas costas novamente e voltei devagar para a estação de Kichijôji. Fiquei um tempo olhando a agitação nas bancas ao redor da estação, e comprei uma passagem para Nakano. Entrei no vagão como se um monstro horrível estivesse me sugando em um redemoinho. Desci, e, sem saber o que mais fazer, apenas segui o caminho que o casal tinha me ensinado na noite anterior e acabei chegando na frente do pequeno restaurante dos dois.

A porta da frente estava fechada, então dei a volta e entrei pela porta da cozinha. O senhor não estava, apenas sua esposa, limpando sozinha o estabelecimento. Assim que cruzamos os olhos, comecei a mentir automaticamente, de forma que nem eu mesma sabia ser possível.

— Senhora, parece que conseguirei devolver todo o dinheiro direitinho. Hoje de noite, ou no máximo amanhã, me prometeram. Não há mais porque se preocupar.

— Ah, mas que bom! Muito obrigada! — disse ela, parecendo feliz, ainda que restasse em seu rosto a sombra de uma ansiedade, como se desconfiasse de algo mal contado.

— É verdade, senhora. Alguém vai aparecer aqui amanhã trazendo o dinheiro. Até lá, decidi que ficarei aqui como refém. Não seria o suficiente? Até terem o dinheiro, ficarei aqui ajudando no serviço do restaurante!

Tirei o menino das costas e o deixei brincando no fundo do quarto de trás. Dei a volta e fui começar o trabalho. Como o menino estava acostumado a brincar sozinho, não iria atrapalhar nem um pouco. Não sei se porque é ruim da cabeça ou porque não tem medo de estranhos mesmo, mas ele ficou sorrindo para a senhora. Saí para carregar alguns mantimentos, e, quando voltei, ela tinha dado umas latas de comida vazias para o menino brincar. Ele estava no mesmo lugar, brincando comportado, batendo as latas e fazendo-as rolar.

Pelo meio-dia, o senhor voltou trazendo peixes e vegetais para o restaurante. Assim que o vi, repeti as mesmas mentiras que tinha contado para sua mulher. Ele pareceu surpreso.

— E isso é certo? Sra. Ootani, não é bom contar com dinheiro até que ele esteja em suas mãos — disse ele, em um tom calmo e quase didático.

— Não, não, tenho certeza. Por favor, confie em mim e espere mais um dia antes de prestar queixa do acontecido. Até lá, eu ficarei trabalhando aqui no restaurante.

— Só peço o dinheiro de volta— disse ele, quase para si mesmo — Ainda faltam uns cinco ou seis dias para o ano novo, afinal, não?

— Sim, sim, por isso mesmo, é o que estou— ah! Chegaram clientes! Sejam bem vindos!— disse, sorrindo para os três fregueses — pareciam trabalhadores — que entravam no restaurante. Sussurrei para a senhora: — Por favor, me empreste um avental.

— Nossa! Vocês contrataram uma beleza! — disse um dos fregueses. — Ela é magnífica!

— Por favor, não a seduza.— disse o senhor, agora meu patrão, entre brincando e falando sério. — Ela vale muito dinheiro.

— É um cavalo de um milhão de dólares, então? — brincou o outro freguês, em um tom vulgar.

— Dizem que éguas sempre custam a metade! — respondi, igualmente vulgar, enquanto aquecia o saquê.

— Ora, não seja modesta! — gritou o mais jovem. — O Japão do futuro é um país de igualdade de sexos, seja para cavalo ou cachorro. Querida, estou apaixonado! É amor à primeira vista. Se bem que... aquele menino é seu filho?

— Não, não. — me interrompeu a senhora, saindo do quarto dos fundos com o menino no colo — Esse menino é de uns parentes do interior, que estamos criando. Finalmente conseguimos alguém que continue nossa loja¹⁷.

¹⁷ No Japão, é costume que o filho continue a profissão do pai. Quando a família tem mais de um filho, é o filho mais velho que tem esse dever; famílias sem filho viam a necessidade de adotar um menino de parentes ou conhecidos para ter alguém que desse continuidade ao trabalho. É um hábito que foi transformado em lei e está

— Conseguiram dinheiro também!— brincou o outro cliente.

— E uma traição, além das dívidas. — murmurou o patrão, amargamente. Mudando rápido de tom, perguntou — E o que vão querer? Que tal um refogado?

Foi então que eu entendi. “Ah, é isso”, pensei comigo mesma, mantendo uma aparência inocente, enquanto levava a garrafa de saquê para os fregueses.

Era a noite da véspera de Natal e os clientes não paravam de entrar, em fluxo quase contínuo. Eu não tinha comido nada desde a manhã, mas recusei quando a senhora me ofereceu algo, pois estava um pouco enjoada. Segui trabalhando dedicada, movendo-me leve como uma bailarina pelo restaurante, entre as mesas e os fregueses. Pode parecer pretensão de minha parte, mas, naquele dia, o restaurante estava estranhamente animado e diversos clientes perguntaram meu nome ou quiseram apertar minha mão.

No entanto, não sabia o que faria dali em diante. Não conseguia fazer nenhuma previsão. Eu apenas sorria, ouvia as piadas indelicadas e respondia com piadas ainda mais indecentes. Deslizava de cliente em cliente servindo saquê. Só conseguia desejar que meu corpo pudesse derreter como sorvete e escorrer para longe dali.

E parece que, mesmo nesse mundo, às vezes milagres acontecem.

Era um pouco depois das nove quando um homem entrou, vestindo um chapéu de festa e cobrindo a metade superior do rosto com uma máscara preta. Vinha com uma mulher bonita e magra, de uns trinta e poucos anos. Sentaram-se os dois no canto, na parte de fora, o homem com as costas para mim. Ainda assim, logo que entraram eu percebi que era o ladrão do meu marido.

Ele sentou sem prestar atenção em mim e eu, por minha vez, fingi que não o reconheci. Continuei servindo mesas e brincando com os outros clientes. Mas logo a mulher me chamou.

— Sejam bem vindos. Gostariam de saquê? — disse. Meu marido me olhou por debaixo da máscara e pareceu surpreso ao me reconhecer. Bati levemente em seu ombro e perguntei: — Veio me desejar feliz Natal? Ou o quê? Parece que já bebeu uns dois litros!

A mulher apenas ignorou meu comentário, respondendo de maneira formal:

— Moça, temos uma questão pessoal para discutir com o proprietário, então, se puder chamá-lo...

Fui até a cozinha, onde o patrão preparava um refogado.

— Ootani voltou. Quer vê-lo. Está com uma mulher. Por favor, não diga nada sobre mim, não quero criar uma situação embaraçosa para ele.

— Sim, sim. Ele veio.— disse. Ele desconfiava que eu tivesse mentido, mas de alguma forma parecia ao mesmo tempo confiar em mim. Deve ter pensado que a vinda de meu

relacionado à rígida divisão de classes do sistema feudal japonês, em que não havia possibilidade de se sair da classe em que se nasceu.

marido tinha algo a ver com o que eu tinha lhe contado sobre o dinheiro, de modo que apenas concordou.

— Não fale nada de mim— repeti.

— Se é assim que prefere, não vou falar. — disse, amigavelmente, e saiu para a parte exterior do restaurante. Olhou em volta rapidamente e caminhou na direção da mesa onde estava meu marido. A mulher trocou duas ou três palavras com ele e, assim feito, saíram do restaurante os três.

Era o fim da questão. Tudo resolvido. Por algum motivo eu já imaginava, desde antes, que tudo ia acabar bem, mas, ainda assim, é claro que fiquei muito feliz. Um cliente, moço jovem, de menos de vinte anos, que vestia um quimono azul escuro, estava ao meu lado nessa hora. Sem aviso, peguei-o pelo pulso de maneira firme e gritei:

— Vamos beber! É Natal! Vamos beber!

III

Em meia hora — não, menos de meia hora, tão rápido que até me surpreendi — voltou ao restaurante o chefe, sozinho. Veio para o meu lado e disse:

— Senhora, o dinheiro foi devolvido, muito obrigado.

— Ah, que bom! Toda a quantia?

— Bom, na verdade, só o que tinha sido roubado ontem — respondeu, com um sorriso estranho.

— E a quantia gasta por meu marido até agora? Seria quanto, aproximadamente? Digo, qual o mínimo que vocês perderam com ele?

— Uns vinte mil ienes.

— Só isso seria o suficiente?

— Não, mas é o mínimo que ele nos deve.

— Eu devolverei tudo! A partir de amanhã, posso ser empregada daqui. Pago de volta trabalhando!

— O quê? Está brincando, senhora? — E rimos os dois juntos.

Naquela noite, passado das dez horas, amarrei o menino nas costas e voltei para nossa casa, na estação de Koganei, com um pouco de dinheiro no bolso. Claro que meu marido não tinha voltado para casa, mas isso não me incomodou nem um pouco. No dia seguinte, voltando ao restaurante, eu talvez tivesse o desprazer de encontrá-lo de novo. Por que será que eu nunca tinha pensado em trabalhar antes? Todo o sofrimento que tive até ontem, foi, no fim das contas, pela minha própria estupidez, por não ter tido essa ideia. No passado, na banquinha de meu pai em Asakusa, eu sempre me dera muito bem no tratamento com os

clientes. Certamente me sairia igualmente bem trabalhando no restaurante de Nakano. Na verdade, só nessa primeira noite, consegui aproximadamente quinhentos ienes de gorjeta.

Segundo o que o patrão me contou, meu marido, depois do acontecido da noite anterior, foi dormir na casa de um conhecido e, na manhã seguinte, bem cedo, visitou o bar que a tal mulher administrava em Kyôbashi para beber seu uísque. Lá, pediu dinheiro de presente de Natal para as atendentes, dizendo que ia pegar um táxi e trazer chapéus e máscaras e decorações e um peru para dar uma grande festa no bar dela, queria chamar todos os seus conhecidos, mas que, para isso, precisava de dinheiro. A madame ficou desconfiada, pois sabia que seus conhecidos também eram pessoas que não tinham um tostão para gastar. Quando perguntou a Ootani, ele acabou contando todo o acontecido da noite anterior. Se o dinheiro não fosse devolvido, viraria caso de polícia e seria um problema para todos. Assim, a madame, cordialmente, se ofereceu para pagar a dívida. Ele a levou até o restaurante em Nakano e ela resolveu a questão.

— Quem diria que terminaria assim, não é? — me disse o patrão. — Quer dizer, a senhora sabia. Também já tinha falado com a amiga do senhor Ootani, não?

Eu já imaginava que ele pudesse me perguntar isso. Achei que seria melhor, ao ser questionada de forma tão direta, responder de maneira ambígua.

— Que bom, não é mesmo? — disse apenas.

A partir daquele dia, minha vida mudou completamente em relação ao que tinha sido até então. Estava alegre e de muito bom humor. Fui imediatamente ao cabeleireiro para reparar meus fios. Comprei cosméticos. Mande para o conserto alguns de meus quimonos. Recebi dois pares de meias brancas da senhora. Sentia como se todos os pensamentos ruins que eu vinha tendo tivessem simplesmente desaparecido.

Levantava cedo, dava de comer ao menino, preparava um *bentô*¹⁸, com a criança nas costas, ia para o restaurante de Nakano. As festas de ano novo eram um período de grande movimento lá. Passaram a chamar-me, no restaurante, de Satchan. Era tanta gente que, enquanto servia, meus olhos pareciam rodopiar. De vez em quando, aparecia meu marido. Vinha, bebia, deixava a conta para eu pagar e desaparecia sem deixar vestígio. Às vezes, no fim da noite, ficava me olhando de fora do restaurante e vinha perguntar se já não era hora de voltar para casa. Então voltávamos juntos, alegremente.

— Por que eu não fiz isso desde o início? Estou tão feliz!

— E o que sabem as mulheres de felicidade ou infelicidade?

— Como assim? Pode até ser que você tenha razão, mas e os homens, o que sabem os homens?

— Só o que os homens sabem é de infelicidade. Estão sempre lutando contra o medo.

¹⁸ *Bentô*. Marmita japonesa, utilizada para levar comida feita em casa para comer fora.

— Bom, disso eu não sei mesmo. Só sei que gostaria de seguir com essa vida para sempre. O patrão e a sua esposa são pessoas tão boas.

— São uns idiotas, isso sim. Caipiras gananciosos. Me deixam beber, só porque acham que no fim terão algum lucro.

— Bom, eles têm um negócio para manter, é natural que queiram algum lucro. Mas essa não é toda a história, é? Você teve um caso com a senhora?

— Faz tempo. O velho sabe?

— Parece que sim. Ouvi ele suspirando, reclamando do amante da mulher e das dívidas, como se fossem uma coisa só.

— Pode parecer pretensioso, mas não aguento mais. Só quero morrer. Desde que nasci, só penso em morrer. Seria melhor para todos se eu morresse, é a mais pura verdade. No entanto, não consigo morrer. Há algo estranho e assustador, um deus, que não me deixa morrer.

— É porque você tem seu trabalho.

— Meu trabalho é nada: nem luxo, nem lixo. É bom pra quem diz que é bom, e é ruim pra quem diz que é ruim. Pra mim, não faz diferença. É só inspirar e expirar. Pra mim, o terrível é imaginar que em algum lugar do mundo deve existir um deus. Não é?

— Hm?

— Será que existe?

— Não faço ideia...

Tendo trabalhado dez, vinte dias no restaurante, percebi que todos os fregueses que vinham beber, sem exceção, eram criminosos. Comparado com eles, meu marido até que era bom. E, na verdade, não só os clientes do restaurante, mas imagino que todas as pessoas que vemos na rua estão escondendo algum crime. Por exemplo, uma senhora, de uns cinquenta anos, bem vestida, que chegou esses tempos pela porta de trás do restaurante vendendo saquê. Trezentos ienes a garrafa. Comparado com os altos preços a que estamos acostumados, nos pareceu barato, e a patroa não demorou a comprar. Quando fomos ver, tinha sido misturado com água. Se mesmo uma senhora tão refinada como ela tem que recorrer a tais truques sujos, penso que não pode existir ninguém decente. Como em um jogo de carta, todo mundo trapaceia: não há mais moral neste mundo.

Deus, se você existe, mostre-se!

No fim das festas de ano novo, um cliente da loja me estuprou.

Era uma noite de chuva. Meu marido não tinha aparecido na loja. Um conhecido dele, senhor Yajima (um dos editores que nos dava dinheiro antigamente, para não morrermos de fome), estava com outro senhor, de uns quarenta anos, que parecia também ser editor. Estavam me olhando e bebendo, e depois de um tempo começaram a gritar:

— A mulher de Ootani está trabalhando num lugar como esse, não sei se isso é bom ou ruim.

Pareciam estar brincando, por isso respondi, rindo:

— E onde estaria esta senhora?

— Não sei onde ela está — brincou o senhor Yajima —, mas pelo menos ela era mais refinada e bonita que você, Satchan.

— Que inveja! — disse o outro homem — Se eu fosse o senhor Ootani, mesmo por uma noite, estaria feliz. Gosto mesmo de mulheres assim, sem vergonha.

— Por causa disso, não é? — disse o senhor Yajima, virando-se para seu companheiro com um sorriso distorcido no rosto.

Nessa época, algumas pessoas já sabiam que eu era esposa de Ootani, o poeta, pois voltávamos juntos para casa. Segui ouvindo suas provocações e sua conversa, com alguma curiosidade, mas, como o restaurante ainda estava cheio e o chefe não estava de bom humor, acabei esquecendo. Naquela noite, lá pelas dez, comecei a me arrumar para ir embora. O senhor Yajima ainda estava conversando sobre seus negócios ilícitos, e havia ainda mais um cliente, mas, como estava chovendo, resolvi voltar. Amarrei o menino nas costas e pedi um guarda-chuva para a senhora.

— Eu tenho um guarda-chuva: posso acompanhá-la, se quiser.— disse o único outro cliente que ainda estava na loja. Era um homem magro, de uns vinte e quatro, vinte e cinco anos, trabalhador de uma fábrica local. Levantou-se com um ar sério. Era a primeira vez que eu o via no restaurante.

— Agradeço, mas já estou acostumada a voltar sozinha.

— Bobagem, sua casa é longe. Eu também moro em Koganei. Vamos juntos. Senhora, a conta, por favor.

Ele tinha bebido três garrafas e não parecia tão bêbado. Fomos juntos até o trem, embarcamos e descemos em Koganei, andando abraçados no mesmo guarda-chuva¹⁹. O jovem, que até então tinha ficado calado, começou aos poucos a puxar assunto.

— Sabe, sou fã dos versos do senhor Ootani. É que também escrevo poemas. Gostaria de falar com ele, mas tenho vergonha de começar a conversa... — Nesse ponto, chegamos à minha casa.

— Muito obrigada. Nos vemos novamente no restaurante— disse.

— Sim, até a próxima— respondeu o jovem, voltando para a chuva.

¹⁹ Essa situação é comumente descrita pelos japoneses como *aiaigasa*, que significa algo como “dividir o mesmo guarda-chuva”. No entanto, é um jogo de palavras com *ai*, que significa amor. Isso dá à expressão (e ao ato em si de dividir um guarda-chuva) uma conotação fortemente romântica dentro da cultura japonesa.

No meio da noite, acordei com o barulho de alguém abrindo a porta de correr da entrada de casa. Como sempre, deveria ser meu marido bêbado voltando tarde para casa, então não disse nada e continuei deitada.

— Ó de casa, senhor Ootani, com licença, por favor... — disse a voz de um homem.

Levantei-me e acendi a luz, indo até a entrada. Lá estava o jovem de antes, que mal conseguia parar de pé, de tão bêbado.

— Desculpe, senhora. No caminho de volta, acabei parando em uma banca e bebi mais. Na verdade, moro no outro lado da cidade, e, quando fui voltar, o último trem já tinha partido. Peça, deixe-me ficar aqui, não preciso de *futon* nem nada. Posso ficar aqui no degrau da entrada. Deixe-me dormir aqui até a hora do primeiro trem amanhã de manhã. Não fosse a chuva, eu dormiria sob uma marquise qualquer da vizinhança, mas desse jeito não dá. Deixe-me ficar aqui, por favor!

— Meu marido não está, mas pode dormir aqui no degrau da entrada²⁰, se não se importa. — disse, levando as duas almofadas rasgadas para o jovem.

— Desculpe, estou bêbado. — respondeu, com dificuldade, logo caindo adormecido no degrau da entrada da casa. Quando voltei para minha cama para dormir, conseguia ouvir seus roncos.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, ele me estuprou sem hesitação.

Naquele dia também, como se nada tivesse acontecido, saí para trabalhar no restaurante com o menino. Meu marido estava nas mesas de fora, com um copo de saquê, bebendo sozinho e lendo o jornal. A forma como o sol da manhã brilhava refletido na bebida me pareceu muito bonita.

— Não tem ninguém ainda? — perguntei.

— O velho ainda não voltou de suas compras, mas a senhora estava agora mesmo na cozinha. Não está mais?

— Não passou aqui, ontem à noite?

— Passei, sim. É que não consigo mais dormir sem ver o rosto da minha Satchan. Cheguei pouco depois das dez, mas você já tinha ido embora.

— E?

— Acabei ficando a noite por aqui, estava chovendo demais.

— Acho que também vou acabar passando as noites por aqui.

— É uma boa ideia.

— Sim. Não faz sentido seguirmos alugando aquela casa para sempre.

Meu marido calou-se e concentrou-se novamente no jornal.

²⁰*Shikidai*. Degrau da entrada de uma casa japonesa. Essa entrada, ou *genkan*, é rebaixada em relação ao resto da casa, e é aqui que ela sugere que ele durma.

— Ah, estão falando mal de mim de novo. Agora, me chamam de falso aristocrata e epicurista. Estão enganados. Um epicurista com medo de deus? Acho que não. Satchan, olhe isso! Me chamam de monstro! Não entendem nada. Talvez agora seja tarde, mas vou lhe contar porque peguei os cinco mil ienes. Queria que você e o menino tivessem um ano novo feliz, o primeiro num longo tempo. Se fosse um monstro, como dizem, não teria pensado nisso, teria?

Suas palavras não me deixaram particularmente feliz.

— Pouco importa que o chamem de monstro — respondi —, o importante é seguir vivendo.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. A mulher de Villon. Tradução de Ariel Lara de Oliveira. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 116-134, 2017.